

Eu não existo sem você: os papéis sociais no jogo discursivo e sua relação com o ensino de língua portuguesa

I do not exist without you: social roles in the discursive game and their relation to Portuguese Language teaching

MARCELO PEREIRA SOUTO
Mestre em Estudos Linguísticos (UFMG)
E-mail: prof.marcelosouto@gmail.com

Resumo: O presente trabalho estuda o jogo discursivo em que o outro se configura com a mesma relevância do eu nos processos de comunicação e interação social. Para exemplificar a abordagem, são objeto de análise textos literários, como crônicas e contos, e textos não literários, como artigos de opinião e reportagens. A partir desse *corpus*, discute-se como, no jogo discursivo, tem igual papel o eu e o outro, numa relação marcada por intenções, cabendo a cada interlocutor um papel no diálogo igualmente importante na interação. Essa reflexão sustenta a tese de que não se pode falar em níveis de importância nesse tipo de relação. Afirma-se que, sob esse prisma, os estudos de linguagem podem contribuir para uma melhor compreensão da língua e, conseqüentemente, para o ensino de língua portuguesa. Com o propósito de reforçar o embasamento teórico deste trabalho, faz-se referência a pesquisas de teóricos reconhecidos no campo da linguagem e da análise do discurso, como Bakhtin (1997, 1999 e 2012), Kleiman (2008), Koch e Elias (2015) e Tezza (2003).

Palavras-chave: discurso; ensino; linguagem.

Abstract: This paper studies the discursive game in which the "other" holds the same relevance as the "self" in the processes of communication and social interaction. To illustrate this approach, literary texts such as chronicles and short stories, as well as non-literary texts such as opinion pieces and news reports, are analyzed. From this corpus, the discussion revolves around how, in the discursive game, both the self and the other play equal roles in a relationship marked by intentions, with each interlocutor holding an equally important role in the dialogue and interaction. This reflection supports the thesis that it is not possible to speak of differing levels of importance in this type of relationship. It is argued that, from this perspective, language studies can contribute to a better understanding of the language and, consequently, to the teaching of the Portuguese language. To reinforce the theoretical foundation of this work, references are made to studies by renowned scholars in the field of language and discourse analysis, such as Bakhtin (1997, 1999, and 2012), Kleiman (2008), Koch and Elias (2015), and Tezza (2003).

KEYWORDS: discourse, teaching, language.

1 INTRODUÇÃO

Carlos Heitor Cony, consagrado cronista brasileiro, publicou em 2007 o artigo intitulado "Jornais de ontem e de hoje". O escritor e jornalista faleceu em 2018, deixando uma vasta obra literária e jornalística. Embora já bastante distante no tempo, o rico

conteúdo do texto possibilita boas reflexões, mas o que se evidencia aqui é o seu intrigante título marcado pelo uso figurado da linguagem.

Numa época em que proliferam gurus da linguagem que ditam regras do bom uso da língua portuguesa, não é incomum perceber em alguns deles uma postura radical e descontextualizada. É frequente ouvir dicas de uso marcadas por um rigor que caminha na contramão deste nosso tempo em que se observa a linguagem cada vez mais dinâmica e livre de padrões radicais. A não aceitação do uso de expressões figuradas equivalentes a expressões denotativas, como no caso do artigo de Cony, exemplifica esse rigor, geralmente desprovido de qualquer embasamento teórico.

A atenção que se deve ter neste cenário é que posturas radicais no uso da linguagem, tão massivamente veiculadas nas redes sociais, podem comprometer o ensino da língua materna, especialmente para aqueles em fase de estudos na educação básica. Adolescentes e jovens, os maiores consumidores das redes, tenderão a absorver regras impostas e aceitas como leis, especialmente porque anunciadas por influenciadores, muitas vezes vistos como inquestionáveis. Sob esse aspecto, Castro *et al.* (2021, *online*) refletem que “a linguagem é produto de ação humana, construída ao longo da história dos povos a partir de suas necessidades, trocas e interações.” Conforme os autores analisam, o uso da linguagem reflete “uma forma particular de ver o mundo, que se traduz em mais uma cultura a ser apropriada pelo aluno” (Castro *et al.*, 2021, *online*). Diante disso, não se pode conceber a imposição de usos que alguns consideram modernos, sem a devida base teórica.

Um exemplo dessa linguagem figurada se dá no título do artigo citado, em especial nos termos opostos “ontem” e “hoje”. Se não se podem aceitar expressões com essa característica, obriga-se a condenar o uso de Cony. Afinal de contas, a comparação não é exatamente entre o ontem (o dia anterior ao hoje) e o hoje. A referência é a um tempo passado distante e aos dias atuais. E é bem provável que os leitores do título, mesmo sem a leitura do texto, entendam isso.

Uso semelhante está na publicação do jornalista Leonardo Miranda, da coluna *Painel Tático*, de 15 de abril de 2020, cujo título é “O futebol de hoje e o futebol do passado no Brasil de 1970”. Em sua análise, o jornalista afirma: “Por isso que comparar o futebol de hoje e o futebol de ontem é um erro. Futebol, tal como a sociedade e a própria vida humana, é um processo sem fim” (Miranda, 2020, *online*). Obviamente, estão em comparação duas épocas: os dias atuais e os anos de 1970. Como se vê, esse tipo de uso é recorrente na linguagem, independentemente das condições de produção.

Se o usuário da língua não respeita determinados usos, como “refleti em cima dessa ideia”, “trabalhei em cima desse texto”, vai ter de banir de seu vocabulário toda e qualquer expressão que pareça figurada. Não vai poder dizer que está “quebrado” depois de um longo expediente de trabalho, ou que está “morto de fome”. Nem dirá, por exemplo, a uma filha, depois de ganhar dela um beijo, que ela é uma “princesa”, ou o “doce mais delicioso do mundo”. Aí todo falante estará perdido, como perdidos estarão os poetas, os letristas de músicas, os que vivem a divagar, tendo nas palavras sua maior ferramenta de produção; citando Cecília Meireles, “os que vivem da pena, para a pena, e pela pena” (Meireles, 1996, p 23).

E não é preciso ser literário, ou poético, para recorrer aos usos do não convencional. Existe uma evolução gradual na forma de dizer algo, como há uma tendência à economia textual. Inevitavelmente, conta-se com a compreensão do outro,

com o seu conhecimento de mundo. Kleiman (2008, p. 23) aponta que o conhecimento de mundo “é geralmente adquirido informalmente, através de nossas experiências e convívio numa sociedade, conhecimento este também essencial à compreensão de um texto.” Um número de celular estampado em letras garrafais no para-brisas de um carro, por exemplo, não é um convite a um bate-papo. Quer dizer algo mais ou menos assim: “este carro é meu, eu o estou vendendo, não emprestando ou alugando. Se você quiser mais informações, ligue para o número que, com certeza, você está vendo.” Detalhes como o ano do veículo, o valor e as suas condições gerais podem ser conhecidos através da conversa por telefone, ou pelos recursos modernos nas redes sociais. Se há esses recursos, é comum encontrar também uma folha branca com todos os dados do veículo fixada na parte interna do vidro de trás. É uma questão de estilo; é preciso respeitar.

Isso posto, o objetivo primordial deste trabalho é a análise da interação comunicativa, evidenciando-se a relevância dos papéis sociais numa situação discursiva. Apresentam-se para reflexão distintos gêneros textuais, literários e não literários, como artigos de opinião, contos e crônicas. Para a efetiva compreensão da análise proposta, a metodologia utilizada no desenvolvimento deste estudo é a pesquisa bibliográfica com análise de corpus.

2 O JOGO DISCURSIVO: PROCESSO DE INTERAÇÃO ENTRE O EU E O OUTRO

A partir da reflexão até aqui apresentada, configura-se indispensável a consideração do outro no discurso. O eu conhece seu interlocutor e sabe qual relação linguística pode ter com ele. Aquele que escreve em seu diário pessoal, trancado a sete chaves, escreve para que alguém o leia, mesmo que seja ele próprio. Como postula Bakhtin (1999, p. 113), “a palavra é uma espécie de ponte entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.”

Há quem defenda, por exemplo, o uso de “eu penso”, em detrimento da forma tão corriqueira e funcional “eu acho”, como se esta fosse popular demais, inadequada em qualquer condição no discurso. É preciso reconhecer, no entanto, que grande parte da riqueza da língua está na liberdade de criação que ela oferece. Leia-se Rubem Braga, na belíssima crônica “Recado de primavera” (Braga, 1981), introdutória do filme “Vinicius”, documentário lançado em 2005:

Escrevo-lhe aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: a primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira primavera de 1913 para cá sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua. E nessa rua que tem seu nome na placa vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nessa primavera. Acho que você aprovaria. (Braga, 1981, p. 34)

Na crônica, que deu nome ao livro publicado em 1981, um ano após o falecimento de Vinicius de Moraes, o cronista conta ao poeta as novas tendências femininas do Rio de Janeiro e diz: “Acho que você aprovaria.” Enfim, são palavras de Rubem Braga. Ele escreveu “acho”, e não “penso”. O texto não deixou de ser tão belo e comunicativo por isso.

É preciso admitir que a linguagem é, também, uma questão de arte. O menino/poeta Vinicius de Moraes, em “O poeta aprendiz” (Moraes, 2010), achava bonita a palavra escrita, e com arte criava. Em “Vinicius de Moraes: o poeta da paixão”, Castello (1994, p. 72) caracteriza bem o poeta: “Para Vinicius, a poesia não é uma arte que se ergue sobre conceitos, mas sobre emoções. Não é uma arte intelectual, mas sensorial.” Erudito ou popular – pois bebia das duas fontes – compunha, com a mesma elegância, o rebuscado e o comum. E quem descobre Vinicius faz uma segunda descoberta: a linguagem é, também, uma questão de paixão.

Partindo-se desses pressupostos, pode-se afirmar a importância indiscutível de cada sujeito na interação. O eu é tão importante na relação quanto o outro com o qual interage. Pode-se perceber claramente a importância do outro no discurso de Dostoiévski, segundo Bakhtin (1997). A relação falante/ouvinte é marcada por intenções, cabendo a cada interlocutor um papel no diálogo igualmente importante na interação. Não se pode falar em níveis de importância nesse tipo de relação.

Para Bakhtin (1997, p. 260), “representar o homem interior como o entendia Dostoiévski só é possível representando a comunicação dele com um outro.” O homem se revela, a si mesmo e ao outro, através do diálogo. “Somente na comunicação, na interação do homem com o homem, revela-se o ‘homem no homem’ para outros e para si mesmo” (Bakhtin, 1997, p. 260).

Essa exposição do eu revelada no diálogo demonstra a importância do jogo de vozes na interação:

Em toda parte é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte, um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente. [...] O objeto é precisamente a passagem do tema por muitas e diferentes vozes, a polifonia de princípio e, por assim dizer, irrevogável, e a dissonância do tema. A própria distribuição das vozes e sua interação são importantes para Dostoiévski. (Bakhtin, 1997, p. 263)

A seguir, registram-se algumas considerações acerca da relação dialógica no jogo discursivo. São objeto de análise textos de fontes variadas, como literatura, cinema e matérias jornalísticas de divulgação científica.

No conto “O enfermeiro” (Assis, 1984), é possível notar, em alguns diálogos, como a presença do outro é marcadamente importante para expressar a verdade oculta nas palavras do interlocutor. O enfermeiro Procópio, assassino do coronel Felisberto, homem que o enfermeiro odiava devido aos maus-tratos recebidos, foi surpreendido ao saber que era seu herdeiro universal. Procópio matou o coronel ao se defender de suas agressões insanas. Ao saber da herança, por sentimento de culpa, decidiu doá-la toda, às escondidas. Entretanto, ao entrar em diálogo com algumas pessoas da vila onde o crime ocorreu, foi dominado pelos depoimentos que condenavam a postura do coronel.

E referiam-me casos duros, ações perversas, algumas extraordinárias. Quer que lhe diga? Eu, a princípio, ia ouvindo cheio de curiosidade; depois, entrou-me no coração um singular prazer, que eu,

sinceramente, buscava expelir. [...] E o prazer íntimo, calado, insidioso, crescia dentro de mim, espécie tênia de moral, que, por mais que a arrancasse aos pedaços, recompunha-se logo e ia ficando. (Assis, 1984, p. 50)

O sentimento de culpa foi se esvaindo, e o enfermeiro fez apenas algumas doações. Decidiu se apoderar da herança. Ouvindo seus interlocutores, o enfermeiro convenceu a si mesmo de que o crime foi justo, expressando seu verdadeiro eu. Em outro diálogo, deixou oculta sua verdade:

O vigário disse-me as disposições do testamento, os legados pios, e de caminho ia louvando a mansidão cristã e o zelo com que eu servira ao coronel, que, apesar de áspero e duro, soube ser grato.
- Sem dúvida, dizia eu olhando para outra parte. (Assis, 1984, p. 49)

Em concordância às palavras de seu interlocutor, o personagem responde afirmativamente, embora sua atitude de olhar para outra parte revele o contrário. Parece clara, então, a ação do outro nas atitudes e nas palavras do eu.

Em “Um apólogo” (Assis, 1997, p. 90), pode-se perceber a marca do homem se revelando ao homem através do diálogo: “Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!”. Essas palavras do professor de melancolia ao narrador revelam sua visão pessimista de mundo e dirigida como um lamento a si mesmo.

Percebe-se a mesma relação dialógica e sua importância na produção cinematográfica “As confissões de Schmidt”, protagonizada por Jack Nicholson, lançada em 2003. O personagem Warren Schmidt, após se aposentar e ainda se achando perfeitamente capaz de continuar trabalhando, sente-se completamente perdido socialmente. Busca refúgio adotando à distância uma criança pobre africana com quem se comunica somente através de cartas. Nessas cartas, a relação dialógica é estabelecida, uma vez que o autor registra seus desabafos e confissões como se dialogasse pessoalmente com seu interlocutor. Assim, nota-se o eu em relação com o outro em que este incorpora o próprio “eu”. Seus próprios conflitos são lançados ao interlocutor, mas para convencer a si mesmo de suas condições de continuar em atividade profissional.

O revelar-se do homem na relação dialógica também se evidencia no filme “O protetor”, produção americana de 2014, numa cena em que o personagem central dialoga com uma jovem prostituta. Ele, um leitor voraz, diz seu nome: Bob. Para a jovem, ele não tem cara de Bob. Em suas palavras, “Robert lê livros; Bob assiste à TV”. No imaginário da personagem, a postura firme, imponente e culta do homem com quem dialoga não corresponde a um apelido. O significante “Robert” constitui-se na relação social ali estabelecida, entre o eu e o outro.

Na crônica “A ignorância ao alcance de todos” (Ponte Preta, 1986), a relação dialógica no discurso também se evidencia. O narrador-personagem e o amigo Alvinho experimentam o significado do nome “Leônio Xanás” em diferentes situações de interação. De fato, em cada uma, o signo ganha uma significação específica:

(1) Num magazine, ao pedir um lenço de seda para presente:
- Não tem nenhum da marca Leônio Xanás?
Madame voltou a sorrir e respondeu:

- Tínhamos, sim, senhor. Mas acabou. Estamos esperando nova remessa. [...]

(2) Num restaurante:

- Queremos uma garrafa de Leônio Xanás tinto.

O garçom fez uma medida:

O senhor vai me desculpar, doutor. Mas eu não aconselho esse vinho.

(Ponte Preta, 1986, p. 120)

Em (1), tem-se o signo 1 composto por Pierre Cardin (significante) e marca de roupa (significado); assim também o signo 2 composto por Leônio Xanás (significante) e marca de roupa (significado). Ou seja: se é possível, por exemplo, o nome Pierre Cardin para lenços ou roupas, por que não Leônio Xanás?

A mesma análise cabe em (2): tem-se o signo 1 composto por Marcus James (significante) e marca de vinho (significado); assim também o signo 2 composto por Leônio Xanás (significante) e marca de vinho (significado). Ou seja: se é possível o nome Marcus James para vinhos, por que não Leônio Xanás?

Na crônica "Teatrão: a infidelidade", de Jô Soares, publicada na revista *Veja*, de 22 de setembro de 1993, o diálogo que se estabelece entre os personagens Marido e A outra só tem sentido para esses dois interlocutores, uma vez que os significantes empregados não são típicos da relação dialógica que eles mantêm. Diante da esposa, o marido, ao receber um telefonema da amante, precisa teatralizar suas respostas, considerando que seriam ouvidas pela esposa. Ao mesmo tempo, suas palavras deveriam ser compreendidas pela amante ao telefone. Cria-se uma situação ao mesmo tempo cômica e constrangedora, mas marcada por duas relações de interlocução: Marido e Esposa; Marido e A outra. Parece claro que as mesmas palavras dialogadas nas duas relações de interlocução são significativas apenas a partir da presença do outro.

Ele – Alô?

Voz de mulher – Ah, é você? Ainda bem, eu já liguei duas vezes e foi a tua mulher que atendeu. Eu tive de desligar.

Ele – Bom dia, Horácio... Não, não é incômodo nenhum, a gente tem de preparar a reunião do sindicato, Horácio...

Voz de mulher - Você não pode falar? Tua mulher está aí do lado?

Ele – Exato Horácio... O problema todo é esse.

Voz de mulher – Mas não dá pra falar mesmo?

Ele – Não, Horácio, e esse é o problema da reunião...

(Soares, 1993, p. 25)

Sob esse prisma, Tezza (2003, p. 32) aponta:

O mais secreto pensamento do mais solitário dos seres na mais isolada das ilhas do mundo só se substancia em significado no pano de fundo do significado dos outros; tudo que se pensa, tudo que se diz, dirige-se a alguém, antes mesmo que haja alguém diante de nós – em suma, sem um outro não há palavra.

Relacionando a interação em Dostoiévski com a interação no gênero da divulgação científica (DC), pode-se afirmar que, em divulgação científica, os atores e seus papéis são igualmente importantes para a efetivação da comunicação. O divulgador (DV), em respeito ao discurso do especialista (E1) e ao do não especialista (E2), articula o contato das enunciações de forma a aproximar o público da ciência. É relevante, portanto, a voz do não especialista, assim como o é a do especialista.

Acerca dos papéis dos atores no gênero da divulgação científica, Campos (2014, p. 78) esclarece:

O gênero da divulgação científica pode ser constituído pela ação da linguagem da palavra própria de um locutor, o divulgador, que se esforça para fazer a aproximação compreensiva da linguagem do especialista (Ciência) à linguagem do não especialista (público). Em virtude disso, os textos de tal gênero fazem aparecer a linguagem da ciência e a linguagem do público sem que uma variedade seja considerada melhor ou pior que outra, uma vez que a compreensão ativa do não especialista é marcada pela força constitutiva da variedade da linguagem do especialista, e vice-versa.

Cristóvão Tezza reafirma ainda a relação dialógica presente na divulgação científica, apontando que a palavra concreta se estabelece entre sujeitos que se organizam socialmente: “O signo [...] vive não na cabeça do falante, nem na cabeça do ouvinte, mas na fronteira entre eles; toda palavra é inelutavelmente dupla e todo significado é inelutavelmente social” (Tezza, 2003, p. 32). As palavras de Santana (2018, *online*) corroboram a afirmação de Tezza:

Os enunciados concretos ocorrem a partir da alternância dos sujeitos dos discursos, e isto se dá porque o sujeito termina seu enunciado para passar a palavra ao outro, tornando-se um ser responsivo e participativo por tudo o que enuncia. Torna-se, assim, um agente produtor de sentidos dos discursos produzidos socialmente em situações concretas. (Santana, 2018, *online*).

O papel relevante do outro na relação dialógica pode ser ainda confirmado em Tezza (2003, p. 33):

Um dos elementos-chaves da teoria da linguagem de Bakhtin é a palavra do outro, de um outro que não se opõe, como categoria fechada, ao eu – na linguagem viva, cada palavra é como que o resultado de uma relação de força entre o eu e o outro, numa tensão que se manifesta em todos os níveis, no “material”, na “forma”, no “conteúdo”, num todo inseparável. Nossas palavras não são “nossas” apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam. Um enunciado é parte integrante de um diálogo ininterrupto, não como uma voz que responde mecanicamente a outra voz num teatro de marionetes que se comunicam, mas como uma voz que traz em si, na

sua concepção mesma, a perspectiva da voz do outro, a intenção e o ponto de vista do outro, a entoação alheia.

Na matéria “Bíblia passada a limpo – descobertas recentes da arqueologia indicam que a maior parte das escrituras sagradas não passa de lenda” (Romanini, 2002), publicada na revista *Superinteressante*, pode-se perceber o papel de mediação do divulgador, que constrói seu discurso aproximando o discurso do especialista ao discurso do não especialista, numa relação dialógica no gênero da divulgação científica.

Considere-se o seguinte fragmento:

O coração do Velho Testamento são os primeiros cinco livros, que compõem o Torá do Judaísmo (a palavra significa “lei”, em hebraico). Em grego, o conjunto desses livros recebeu o nome de Pentateuco (“cinco livros”). São considerados os textos “históricos” da Bíblia, porque pretendem contar o que ocorreu desde o início dos tempos, inclusive a criação do homem – que, segundo alguns teólogos, teria ocorrido em 5000 a.C. O Pentateuco inclui o Gênesis (o “livro das origens”, que narra a criação do mundo e do homem até o dilúvio universal), o Êxodo (que narra a saída dos judeus do Egito sob a liderança de Moisés) e os Números (que contam a longa travessia dos judeus pelo deserto até a chegada a Canaã, a terra prometida). (Romanini, 2002, p. 53)

Nessa reportagem, o papel de DV é divulgar as novas descobertas científicas acerca da Bíblia Sagrada. Para esse fim, DV mescla os termos específicos do universo bíblico-religioso com expressões e frases inteiras que funcionam como esclarecedoras dos termos mencionados. Por exemplo: o nome Pentateuco é explicado através de uma expressão colocada entre parênteses e aspas (“cinco livros”), assim como Gênesis (“livro das origens”). Alguns termos são esclarecidos através de orações adjetivas explicativas que acumulam a função de aposto: “... e os Números (que contam a longa travessia dos judeus pelo deserto até a chegada a Canaã, a terra prometida)”. É interessante notar que a maior parte dos termos explicativos são apostos, considerados pelo tradicionalismo gramatical como termos acessórios da oração. Se acessórios, podem ser omitidos por serem dispensáveis, conforme a gramática normativa. No entanto, indiscutivelmente, não é o que ocorre no texto de divulgação científica.

Pode-se notar, portanto, uma constante justaposição dos discursos de E1 e E2 na divulgação científica. DV opera com esse jogo dialógico de forma que o cotidiano e o científico construam o discurso de DC. A reportagem de capa da revista *Veja* (30 jul. 2003) exemplifica essa relação dialógica. Embora *Veja* não seja especializada em divulgação científica, a matéria “Com o coração nas mãos” exemplifica o discurso de DC, como nos fragmentos seguintes:

(1) Desenvolvida por cientistas americanos, essa avaliação é capaz de determinar, por exemplo, que um homem de 41 anos, não fumante, sem diabetes, com pressão arterial 12 por 8, LDL (o colesterol ruim) inferior a 130 e HDL (o colesterol bom) superior a 49, tem 4% de risco estatístico de sofrer um distúrbio cardíaco ao longo da próxima década.

(2) Com a associação de aspirina, um potente anticoagulante, com anti-hipertensivos e remédios para reduzir o colesterol (as poderosas estatinas), evita-se em até 70% dos casos a morte por infarto de um paciente de alto risco.

(3) As estatinas, drogas que combatem o colesterol alto, revelaram-se eficazes no tratamento e na prevenção de males cardíacos. (Com o coração..., 2003, p. 73)

Em (1), explicam-se entre parênteses as siglas LDL e HDL, o que indiscutivelmente se fez necessário. Em (2), o termo explicativo entre parênteses parece pouco esclarecedor, mas esse mesmo termo é explicado em (3) através do mesmo recurso linguístico.

A matéria “Sinfonia cerebral”, da revista *Galileu* (out. 2003), que trata da surdez precoce do compositor alemão Ludwig von Beethoven, é mais um exemplo da relação dialógica em DC, em que DV justapõe os discursos do especialista e do não especialista: “A teoria mais aceita é otosclerose, doença degenerativa do aparelho auditivo” (Sinfonia cerebral, 2003, p. 17). Percebe-se nesse trecho que o termo científico não é empregado entre aspas, mas é esclarecido por DV através de uma expressão apositiva.

Também na reportagem da revista *Istoé* (mar. 2008), “O cientista de Deus”, pode-se perceber o dialogismo no discurso científico. Ao explicar, entre parênteses, o que é a física quântica, apresentam-se justapostos os discursos do especialista e do não especialista.

Valendo-se também das ferramentas da física quântica (que estuda, entre outros pontos, a formação de cadeias de átomos) e inspirando-se em questões levantadas no século XVII pelo filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz, o cosmólogo Keller mergulha na metáfora desse pensador: imagine, por exemplo, um livro de geometria perpetuamente reproduzido. (O cientista de Deus, 2008, p. 44)

No artigo “A nobre missão da divulgação científica”, Costa (2007) esclarece o papel do divulgador e justifica DC tomando uma posição político-social. “A população apoia projetos que compreende melhor, o que invariavelmente resultará no suporte financeiro do poder público, das instituições fomentadoras de pesquisa ou de empresas privadas” (Costa, 2007, *online*). Quanto ao papel de DV, Costa diz: “Realmente é necessário explicar com clareza e honestidade o objetivo de uma pesquisa. E não se pode falar ao público em geral do mesmo modo como conversamos com nossos pares” (Costa, 2007, *online*).

A partir desses exemplos, parece claro que DV, ao mesclar ambos os discursos (do especialista e do não especialista), pretende expressar o reconhecimento dos discursos e sua relevância na interação. Comprova-se, assim, o quanto é importante que trabalhos de divulgação científica sejam pautados pela clareza, precisão e correção.

3 CONCLUSÃO

Evidenciou-se, nas diversas fontes acima, que os papéis sociais são inevitavelmente marcados nos eventos de interação. Buscou-se aproximar textos de

literatura, cinema e ciência, com a intenção de provar o dialogismo como marca sempre presente nos textos produzidos nas relações sociais. Para Bakhtin (2012, p. 117),

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.

Em qualquer relação textual, estão o eu, o outro e a palavra. O discurso emerge exatamente nesse jogo de interação entre sujeitos socialmente posicionados. E é assim que as escolhas linguísticas funcionam e ganham veracidade.

Perceber esse jogo discursivo nas relações de comunicação pode contribuir para uma concepção de linguagem como um processo dinâmico e contextualizado, marcado inevitavelmente pelo eu e pelo outro. Sob esse viés, Koch e Elias (2015, p. 11) apontam que “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto.” A reflexão apresentada neste trabalho permite, portanto, afirmar que a comunicação se efetiva exatamente no jogo discursivo. E esse ato comunicativo e social posiciona-se muito acima dos padrões impostos por aqueles que se intitulam arautos do bom gosto moderno no uso da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. O enfermeiro. *In*: ASSIS, Machado de. **Contos**. São Paulo: Moderna, 1984. p. 41-50.

ASSIS, Machado de. Um apólogo. *In*: ASSIS, Machado de. **Contos**. São Paulo: Ática, 1997. p. 89-90.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A interação verbal. *In*: BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1999. p.113.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O discurso em Dostoiévski: Diálogo em Dostoiévski. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. 256-272.

BRAGA, Rubem. **Recado de primavera**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

CAMPOS, E. N. A linguagem viva da divulgação científica como gênero discursivo: a palavra própria e a palavra do outro na enunciação do especialista e do não especialista. **Rev. Med. Minas Gerais**, 24 (Supl. 6), p. 78-86, 2014.

CASTELLO, José Aderaldo. **Vinicius de Moraes: o poeta da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, Marize Gelard Reis de; RODRIGUES, Giseli Capaci; CATARINO, Giselle Faur de Castro. As concepções de linguagem e seu impacto no ensino de Ciências. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 42, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/42/as-concepcoes-de-linguagem-e-seu-impacto-no-ensino-de-ciencias>.

COM O CORAÇÃO nas mãos. **Veja**, São Paulo, 30 jul. 2003. p.70-77.

CONY, C. H. Jornais de ontem e de hoje. **Folha de S. Paulo**, jul. 2007. Caderno Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2109200732.htm>.

COSTA, F. I. M. Divulgação científica. **Astronomia no Zênite**, jul. 2007. Disponível em: <https://zenite.nu/divulgacao-cientifica>.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 12. ed. São Paulo: Pontes, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho**. 2. ed. Rio de Janeiro. Record, 1996. p.22-23.

MIRANDA, Leonardo. **O futebol de hoje e o futebol do passado no Brasil de 1970**. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/painel-tatico/post/2020/04/15/o-futebol-de-hoje-e-o-futebol-do-passado-no-brasil-de-1970.ghtml>.

MORAES, Vinicius de. **Para viver um grande amor**. Organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

O CIENTISTA de Deus. **Istoé**, São Paulo, 26 mar. 2008, p. 44 e 45.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Dois amigos e um chato**. São Paulo: Moderna, 1986.

ROMANINI, Vinicius. Bíblia passada a limpo. **Superinteressante**, São Paulo: julho/2002. p. 40-50.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. O princípio dialógico da linguagem e a identidade alteritária do sujeito. **Interfaces**, vol. 9 n. 4 (out./nov./dez. 2018). Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5505.

SINFONIA cerebral. **Galileu**, São Paulo, out. 2003, p. 17.

SOARES, Jô. Teatrão: a infidelidade. **Veja**, São Paulo, 22 set. 1993. p. 25.

TEZZA, Cristóvão. Mikhail Bakhtin: a difícil unidade. *In*: TEZZA, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 32-34.